

Jornal de Crítica Teatral

DIÁRIO DE CLASSE TEATRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | PPGARTES | IARTES | CURSO DE TEATRO | DEZEMBRO 2012 | N.5

TEXTOS DE

ANDRÉ LUZ

DAMONNYLLE CARNEIRO

DIEGO LAGE

FELIPE BROGNONI CASATI

GABRIEL PAZOTTO

GABRIELA NEVES GUIMARÃES

LAÍS BATISTA

LETÍCIA ALVARES FERREIRA

MARIA CLAUDIA S. LOPES

MARIA MARQUES

MARIANA MONTEZEL

ENCARTE Texto dramático *Azul aveludado*, de Priscila Belo



3	Editorial: Breve registro sobre o processo, prático e crítico, de leitura e (re) escritura dos textos <i>Maria Marques</i>
4	Necessidade x Vaidade <i>Mariana Montezel</i>
5	Tecendo Histórias <i>Letícia Alvares Ferreira</i>
6	O teatro na ponta de uma agulha <i>Gabriel Pazotto</i>
7	Santo de casa faz milagre <i>Felipe Brognoni Casati</i>
8	Festa de Aniversário (???) <i>Gabriel Pazotto</i>
9	O que celebrar “Nesta Data Querida”? <i>Gabriela Neves Guimarães</i>
10	Tum-Tum... <i>Letícia Alvares Ferreira</i>
11	O doce aroma da fábula <i>Damonnylle Carneiro</i>

12	A Saga <i>Mariana Montezel</i>
13	Nossa Saga <i>Felipe Casati</i>
14	As bruxas estão soltas!... <i>André Luz</i>
15	Cerrado — entre Artes e Críticas <i>André Luz</i>
16	Murmúrios <i>Sobre O Murmúrio do Rio</i> <i>Maria Cláudia S. Lopes</i>
17	Recorte do Brasil <i>Damonnylle Carneiro</i>
18	A cidade e o Teatro: Tá na Rua movimenta Uberlândia <i>Laís Batista</i>
19	Tá na Lua <i>Diego Lage</i>
20	1º de maio com cara de 07 de setembro: cavalo, cavaleiros e cocô à vista! <i>Maria do Socorro Calixto Marques</i>

Expediente	
Universidade Federal de Uberlândia	Secretaria Curso de Teatro 34 3239.4413
Reitor: Alfredo Julio Fernandes Neto	Instituto de Artes 34 3239.4117
Vice-reitor: Darizon Alves de Andrade	Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia 34 3239.2820
Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais	Teatro Rondon Pacheco 34 3235.9182
Diretora: Renata Meira	Escola Livre do Grupontapé de Teatro 34 3231.2412
Coordenador do Curso de Teatro: Vilma Campos Leite	Palco de Arte UAI q Dança 34 3236-5056
Coordenação do Jornal: Maria do Socorro Calixto Marques	Oficina Cultural 34 3231.8608
Revisão de Edição: Dione Pizarro	
Layout e Diagramação: Eduardo Warpechowski (Gráfica UFU)	
Impressão: Imprensa Universitária – Gráfica UFU	
Tiragem: 600 exemplares	

Editorial

Breve registro sobre o processo, prático e crítico, de leitura e (re) escritura dos textos

O número cinco do jornal Diário de Classe teatral, apresentado agora em meados de dezembro, nasce novamente como resultado da disciplina Crítica Teatral, associada às atividades do Grupo Textos e Cenas. O Curso de Crítica teve seu início em março desse ano, passou por vários revezes relacionados à suspensão do semestre letivo em função da greve geral dos professores, fato que rompeu abruptamente com o processo de criação e reescritura dos textos teatrais.

Até aquele dia 17 de maio - marco do início da greve - fizemos um mergulho nas variadas possibilidades de um dos espetáculos que abre esse jornal – *A nova roupa do imperador ou Tecendo vento*, dirigido por José Luiz Filho, formado por esse Curso de Teatro, além dos apresentados durante a IV Edição do Festival *Ruínas Circulares*, como *As atribulações de Virginia*, da companhia espanhola Hnos Oligo, *O cortiço* e *Nesta data querida*, do Luna Lunera, *A Saga da Farinha Podre*, do coletivo teatro da Margem, além da palestra proferida pelo diretor do Grupo Tá na Rua, Amir Haddad, na abertura do Festival Internacional de Teatro Ruínas Circulares. O festival, coordenado pela professora Yaska Antunes, teve como tema o teatro de rua como espaço para, também, homenagear a professora e atriz, fundadora do Grupo carioca.

Foram momentos quentes não somente pela programação do Festival, mas também pelas produções locais, a exemplo da trilogia (*As mil e uma noites*) apresentada pelos Truões – *Simbá, o marujo, Aladim e a Lâmpada maravilhosa* e *Ali Babá e os 40 ladrões* – espetáculos que vieram parabenizar a segunda infância do grupo: os dez anos de trabalho e circulação por diferentes plagas. No elenco, alguns ex- alunos, além da direção de Paulo Merísio, professor da Universidade local que migrou para a UniRio, mas que mantém seu vínculo com a cidade e como o grupo. Associada às demais apresentações fora do Circuito da UFU, outros trabalhos foram recebidos, com leituras comentadas em sala, seleção de argumentos e contra-argumentos pelos iniciantes “críticos” leitores de seus próprios trabalhos. Não pensem que esse movimento foi efêvescente, de produção e reescritura em série; foram momentos difíceis e monótonos e mesmo eu não mais acreditava que conseguiria sair do caos pós-greve e dentro desse caos, os alunos voltassem a escrever com a mesma sede de alimentar suas ideias iniciais. Mas, com passos lentos e lendo, sempre lendo e de vez em quando um “chicote”, como imagem de lembrança e descontração para nos autocriticarmos, fomos até o fim.

As leituras realizadas pelos alunos de textos feitos sob o nosso guarda-chuva, não somente porque era dirigido e encenado por santos de casa, mas também por um deles integrar o curso de Crítica, levaram a muitas discussões sobre as adversidades nos trabalhos e à vontade de, ao mesmo tempo, elevar alguns aspectos e descer a “ladeira”, como se diz na gramática falada, em função dos problemas nas apresentações. Diante disso, discutimos novamente a função do crítico resenhada pelo nosso Machado de Assis. Com as ideias desse (M) “machado”, falávamos de, inclusive, educação e ética ao apresentar o texto de outro e modéstia ao falar de si enquanto ator. Mesmo assim, realizamos alguns momentos de debates acalorados, alguns deles assistido em completo silêncio por um

dos atores, pois todos escreveram sobre a mesma peça. Uma, duas, três, quatro vezes para, enfim, chegar a algumas (in) conclusões de leitura.

De outro lado, aconteciam os momentos solitários de escrita e reescrita, em diálogo secreto com o aluno/escrito, secreto, pois as leituras eram confiadas somente a mim. De repente, uma das alunas sugeriu que fizéssemos leitura pública para ali, durante a verbalização oral do texto, observar como o outro estava se desdobrando, inclusive a professora que teve seu texto apreciado por alunos que, prontamente, pegaram o (M) machado e romperam, com aguda pertinência, as consequências semânticas de meu discurso. Acatei, assim como eles acatavam os argumentos e os inúmeros movimentos de reescritura, observando sempre o grau de leitura dos signos cênicos, modalidade discursiva e ponderações que os levaram a discutir sobre ética na escrita. Daí a surpresa, pois do caos, saio com essa constatação.

Os textos estão aí, como conclusão do processo de construção. Nossa prática se revela assim e nos variados comentários de alunos (não mais da disciplina) que, voltando dos Festivais, encaminharam textos críticos apontando questões como a precipitação do crítico ao “avaliar” espetáculos – quase sempre no universo amador – sem deguste das propriedades de uma machadada e não das ideias de Machado e de uma Virginia Woolf, os quais nos apontaram como aguar um jardim.

Sentimos sempre que o curso continua para além do calendário, tanto é que mais uma vez ex-alunos voltaram para escrever e entraram na rede dos colaboradores. Naturalmente, adentramos no Laboratório de Textos de Cenas, grupo de pesquisa que integro nessa instituição.

Ao lado desse movimento, prático/teórico, essa edição traz um encarte com o texto dramaturgico – *Verde Azulado*- da aluna Priscilla Bello que está à beira de seguir seu caminho profissional. Essa produção, realizada durante a disciplina Dramaturgia I seguiu o pendor da disciplina de Crítica, mas com um tema norteando as leituras: o erotismo. Desse tema, entramos em variadas conversas que apontaram para a produção de histórias de amor e da liberdade em falar e escrever sobre um assunto até hoje interdito, ainda que seja na Universidade. Mas fomos. Após selecionar o texto, embora nascido em uma disciplina que ministro, repassei-o a uma parecerista para que o avaliasse e não me deixasse sozinha na escolha. Deixo o registro como forma de agradecimento à professora Paulina Caon- da área de Pedagogia do Teatro - que, a despeito da rapidez do tempo, vem se firmando como parceira de trabalho, com leitura criteriosa e comprometida com os vários processos de criação em um curso de teatro.

Enfim, temos conseguido reeditar esse periódico que, para além da disciplina de Crítica, tem sido um lugar de leitura e divulgação dos trabalhos apresentados por professores, alunos e outros artistas da cidade e daqueles que de fora vêm contribuir para o cenário teatral.

MARIA DO P. SOCORRO CALIXTO MARQUES
Professora do Curso de Teatro/PPARTES
Universidade Federal de Uberlândia

Necessidade x Vaidade

MARIANA MONTEZEL

Em meio a tecidos e linhas estreou o primeiro trabalho infanto juvenil do Grupo Teatral Confraria do Tambor. O espetáculo “A Nova Roupas do Imperador ou Tecendo o Vento” estreia no mesmo nível dos outros trabalhos já realizados pela trupe, como “Bent” e “As Criadas”.

Para nos contar a história da vestimenta e de como o imperador foi traído por sua própria ganância, nada melhor do que investir no figurino, concebido pelo diretor – José Luiz – e executado por Rodrigo Salviano, que também tem assinado outros trabalhos realizados aqui em Uberlândia, a exemplo de “A Cantora Careca” do grupo Giz de Teatro. As cores e os tecidos escolhidos com cuidado para compor com todo o espetáculo se mostram em cada detalhe colocado na cena – na pedra da camisa dos narradores, no retrós de linha usado como corneta ou na coroa do imperador – para, no conjunto, ressaltar a ostentação do imperador e de todo o seu reino.

Mas, antes de falar em vaidade, façamos uma síntese do texto que encena a história da necessidade do uso da roupa e de como o figurino evolui em conformidade com a história, estendendo assim a construção dos sentidos da encenação. Quando se fala dos homens da caverna, apenas um tecido é o suficiente para representar a personagem e o fogo que a aquece e, no decorrer da peça, o figurino ganha perucas, lenços, tapete vermelho, ondas para o mar e até um desfile que mostra a grande variedade de vestimentas existentes atualmente.

Ao lado desse destaque para o figurino, soma-se o olhar da encenação do diretor José Luiz Filho. Ele, que também idealizou o cenário, pensa em toda a composição. Cores, formas, ressignificação de objetos, disposição no espaço, criação de cena. Pode-se ver no trabalho o cuidado que o diretor tem em encontrar a melhor maneira de mostrar ao seu espectador uma história clássica que, somada a sua concepção, torna-se atual, divertida e crítica.

A diversão acontece com auxílio, também, da trilha sonora da peça, cujo preparador musical é Manoel Moura. A escolha das músicas e as modificações nas letras se adequam com prontidão no enredo, tornando-se um dos momentos mais interativos, como podemos observar na música que os súditos cantam para o imperador, nos momentos em que são cantados os elogios, o fundo da música está mais alto do que a letra, e consegue-se ouvir muito pouco do que o imperador tem de positivo e quando cantam os defeitos, o espectador os ouve perfeitamente.

Com todos esses elementos, o espetáculo consegue propor uma reflexão a partir da necessidade *versus* vaidade que o ser humano tem com as vestimentas, questão que, como vemos através da história do imperador, sempre esteve presente na sociedade. Até que ponto a vaidade pode ir sem que se ultrapasse o verdadeiro motivo pelo qual as roupas foram criadas, a necessidade? Questão que se pode perguntar não somente em relação às vestimentas, mas também através de outros meios que são usados para diferenciar uma relação de *status* e poder na sociedade. Muitas pessoas se esquecem desses verdadeiros motivos e de uma maneira ou de outra acabam “nus” na frente da sociedade.

Desse modo, o primeiro espetáculo infanto juvenil do grupo consegue tocar e cativar o espectador através do riso e da descontração, um viés diferente dos outros espetáculos já citados anteriormente que possuíam caráter dramático, sem deixar de ter qualidade no trabalho e de proporcionar ao público um momento de reflexão sobre suas próprias vidas.

Mariana Montezel é aluna da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.



Foto de Jennifer Faria

Tecendo Histórias

LETÍCIA ALVARES FERREIRA

Atraso. Ansiedade. Expectativa. Cores. Malas. Risadinhas. Tecidos (muitos). Nervosismo de dia de estreia. Perucas. Curiosidade. Intervenções. Mulheres rendadeiras. Questões: — Afinal, ‘O que é guilhotina, mãe?’; e ‘Cadê o imperador?’.

Um pouco de tudo isso se pôde encontrar na estreia do espetáculo “A Nova Roupas do Imperador Ou Tecendo Vento”, que aconteceu às 19hs do dia 24 de março de 2012 no Teatro Rondon Pacheco (Uberlândia-MG). Mais um espetáculo da Cia Teatral Confraria do Tambor, dirigido por José Luiz Filho, desta vez com base no texto *A Nova Roupas do Rei*, de Hans Christian Andersen.

A princípio, destaca-se a composição visual do espetáculo. Os figurinos, desenhados por Rodrigo Salviano, remetem à moda do século XVIII, aproximadamente, e desde o início da peça já ambientam a história do rei que se mostra cada vez mais obcecado por tecidos e novas vestimentas.

O cenário, concebido pelo diretor do espetáculo, também ganha destaque à medida que as várias malas utilizadas pelos atores em cena viram balcões, o trono do rei e, inclusive, desdobram-se em águas. A mobilidade dos objetos que compõem o cenário dá dinâmica ao espetáculo, são os atores que constroem e desconstróem materialmente o ambiente das cenas, à medida que a história vai se desenvolvendo.

O uso de cantigas populares e paródias de músicas clássicas, adaptadas ao contexto da peça — tocadas e cantadas pelos próprios atores sob direção musical de Manoel Moura — também enriquecem em muito a encenação. A musicalidade torna a cena mais viva, chamando/prendendo a atenção do público e dando, às vezes, um ar de ‘musical’ ao espetáculo.

O espetáculo em si é dividido claramente em dois momentos: uma contextualização da história da vestimenta e do tecido e a história do Imperador. A primeira parte — da história do tecido — é introduzida por cinco senhoras tecelãs (representadas

por André Luz, Renan Bonito, Ernane Fernandes, Fred Abreu e Guilherme Conrado) e uma delas (a representada por André Luz) conduz o público durante toda a trajetória do espetáculo.

Percebe-se durante o primeiro momento do espetáculo uma inquietação geral do público que aguarda a história do Imperador começar. Esse momento é marcado por falas de algumas crianças: ‘Cadê o imperador, mãe?’. O que gera ainda mais no público ansiedade e expectativa sobre a história central da peça.

Na segunda parte, junto com o cenário, as personagens se transformam: as velhas viram caixeiro viajante, figurinistas e lojistas da cidade do imperador e seus fiéis empregados da ‘corte’; a velha narradora agora é o próprio imperador e a história central da peça finalmente se instaura num clima festivo e dinâmico.

É impossível falar desse ponto da história sem mencionar o destaque que o ator André Luz tem em cena, o que pode ser notado por uma maior perspicácia cênica e melhor utilização do tempo cômico: o ator joga diversas vezes com as intervenções da plateia infantil, e trabalha de uma forma que todas as suas falas são inteiramente entendidas pelo público, já o mesmo não acontece sempre com os outros atores, talvez pela ansiedade da estreia do espetáculo. O destaque do ator, embora produza certa assimetria em relação às cenas e ao espetáculo como um todo, não chega a incomodar a plateia, já que o mesmo é o protagonista do espetáculo e, portanto, já está em lugar de destaque.

A Nova roupa do imperador ou Tecendo vento é um trabalho que acaba de nascer, e, portanto, há muito que amadurecer (tanto em atuação, quanto em encenação/dramaturgia), mas, ainda assim, já se mostra como um lindo espetáculo infanto-juvenil.

Letícia Alvares Ferreira é aluna da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Foto de Rafiella Lima





Foto de Jenniêr Faria

O teatro na ponta de uma agulha

GABRIEL PAZOTTO

O espetáculo teatral “Tecendo o Vento” dirigido por Zé Luís, conta a história da moda de forma leve e divertida. Por se tratar de um teatro infantil a peça é livre de grandes suspenses e sem muitos altos e baixos.

Desse universo livre há uma cena do espetáculo bastante marcante: a que ocorre logo após a música introdutória. Nesta cena os atores Renan Bonito, Guilherme Conrado, Fredy Abreu, Ernane Fernandes e André Luz se vestem de personagens caricatos, velhos e contam a história das vestimentas. A explicação remete o público a uma parte da infância, quando nossas avós contavam suas histórias e trajetórias. O processo de atuação traz um conforto visual e auditivo, pois nos leva a imagens ou a projeção de quatro avós narradoras em pleno palco – e narradoras interpretadas por homens.

O uso de personagens caricatos é abundante. Nas cenas em que aparece o imperador, com ele também comparecem o arauto, costureiro e estilista. Todos usam e abusam de características críticas sociais que atingem o espectador de forma amigável, sem ser rude e muito menos grosseiro. Esse momento, somado ao anterior aberto por uma música animada, cria um ambiente do que viria a ser o espetáculo.

Para complementar a narrativa, há a direção musical, prazerosa e divertida, de Manoel. Todas as músicas da peça têm o ritmo dan-

çante e usam do próprio cenário para tirar o som dos instrumentos. O baú de roupas é também uma caixa de som e todos os demais elementos cênicos viram uma verdadeira orquestra cênica-musical.

A cômoda, o objeto mais presente em todo o espetáculo, ganha vida com a movimentação cênica. Com certa desconstrução pode ser uma cabine, uma prisão e até mesmo uma parede para os atores poderem trocar o figurino atrás do palco.

É instigante o uso desse objeto. É um presente para qualquer criança, de qualquer idade, acompanhar a construção dessa imagem, pois para ela essa possibilidade é existente e para os adultos, um regalo, um retorno ao imaginário.

Os atores dão vida ao teatro com uma apresentação como esta. A leveza é característica de todos os atores, cujo uso da comicidade apresenta-se em todo o espetáculo.

Quem assiste à peça, consegue imaginar essa situação acontecendo “de verdade”. Os atores trazem realidade aos nossos olhos e nossos ouvidos. O espetáculo “Tecendo o Vento” nada mais é do que uma grande intervenção sinestésica. Fazendo com que quem o assiste, queira vê-lo de novo.

Gabriel Pazotto é aluno da disciplina Crítica Teatral do Curso de Universidade Federal de Uberlândia.

Santo de casa faz milagre

FELIPE BROGNONI CASATI

O espetáculo *A Nova Roupa do Imperador ou Tecendo Vento* teve sua estreia nos dias 24 e 25 de março desse ano (2012) e deixou o Teatro Rondon Pacheco quase lotado. Eram poucos acentos vazios para se assistir a um espetáculo feito em *casa*. Em Uberlândia, já há algum tempo, valoriza-se muito o teatro que é produzido fora da cidade, pode ser de qualquer parte do Brasil ou do exterior do país, nós, artistas, sempre ouvimos: “*Mas a peça é de onde?*”, “*Os artistas são de fora?*”, e muitas outras perguntas similares. Desta feita, a casa foi lotada por santos de casa, a Confraria Tambor surpreendeu a todos oferecendo um espetáculo que proporciona um diálogo aberto com uma plateia, a princípio, heterogênea: formada pelo público fiel aos santos da casa e crianças, estas nem sempre vinculadas às pessoas que conheciam os santos.

Os integrantes da companhia, que carregam um repertório de peças voltadas para plateias adultas, de caráter denso e intrinsecamente

político, decidiram enfrentar mais um desafio quase oposto ao encenado até agora. Depois de “Barrela”, direção de Yaska Antunes, “Bent”, direção de Paulo Merísio e “As Criadas”, direção de José Luiz Filho, também diretor de “A Nova Roupa do Imperador ou Tecendo Vento”, peças para adultos e crianças que levam ao palco conflitos de poderes sociais, o desafio era fazer o mesmo em uma peça infantil.

A Confraria não perde sua essência nesse novo trabalho, com um elenco formado somente por homens, marca primeira do grupo, busca utilizar-se das mesmas “técnicas” de encenação como a resignificação de objetos, a homogeneidade em figurinos, a modulação das vozes, e ainda outras novas como a palhaçaria e a musicalidade em todo o espetáculo. A peça, que combina elementos atuais e de outras épocas em seus figurinos, cenários, músicas, textos e atuação, consegue nos mostrar duas histórias em uma: a história da vestimenta em si e a releitura de um clássico conto dos Hans Christian

Andersen, “A Roupa Nova do Rei”.

Uma senhora traz consigo a vivência da história da vestimenta na pele e na cabeça, e é ainda aí, na cachola, que está vivendo ou até mesmo sobrevivendo a fábula desse imperador tão “luxurioso”. Digo “sobreviver”, pois é preciso destacar o ímpeto do grupo em trazer aquilo que é antigo e bom e que está sendo massacrado pelas histórias menos fantásticas e mais “vendásticas” de hoje.

O público ri do começo ao fim, ora pelo teor cômico da história, como a da cena em que o imperador pede licença às crianças para poder cortar a cabeça de um dito incompetente, ora pelas piadas pré-ensaíadas ou mesmo pela atuação do grupo em cena, o qual por vezes se mos-



Foto de Rafaella Lima

personagens-chaves, como a velha contadeira de histórias, quando pergunta no final do espetáculo: “- E aí, gostaram do espetáculo?”, o que se torna mais um ponto de coragem do diretor.

Agradável aos olhos e aos ouvidos, já que esses foram privilegiados pela direção musical de Manoel Moura que não somente compôs uma trilha, mas colocou os atores para compô-la e executá-la, o novo espetáculo da Cia Confraria Tambor traz para o palco um infantil com nuances e provocações sutis e de extrema importância para a sociedade, a qual não as percebe de imediato, mas as degusta mais tarde. Para rir, não pensar, e só depois refletir, *A Nova Roupa do Imperador ou Tecendo Vento* mostra que crianças e adultos podem ocupar a mesma plateia.

Felipe Brognoni Casati é aluno da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Festa de Aniversário (???)

GABRIEL PAZOTTO

A peça teatral *Nesta Data Querida*, do grupo teatral Luna Lunera de Belo Horizonte faz uma crítica forte ao cotidiano do ser humano. Com um elenco básico, de três atores, o texto nos mostra quão desconfortáveis somos e ficamos com outro ser humano, em qualquer situação, como uma festa – ou na mais natural – no ser humano, como um simples vômito.

O texto cênico usado para exemplificar isso é uma festa de aniversário simples, humilde e inocente. A festa que é de uma personagem que não aparece, e nem é certo de que ela exista, é organizada pela sua mãe. Uma mulher visivelmente carente e carinhosa com seus convidados. Ao longo do espetáculo ela insiste em agradá-los e faz de tudo para que eles permaneçam na festa. Em vários momentos surgem oportunidades dos convidados saírem da festa, mas, sem ter para onde ir, e por insistência da anfitriã, eles acabam ficando até o final.

Na festa os convidados são, apenas, o dono de um salão de beleza e uma cliente deste salão. A cliente é a típica personagem intrometida, aquela que deixa os outros intimidados e desconcertados. O homem que, aparentemente é um homossexual, se sente mal com tudo que acontece nesta festa, até que, motivado pela cliente, resolve dançar “como dançou na última festa”. É notória a referência à Umbanda quando durante a dança ele rodopia como incorporado por uma pomba-gira, levando ao ápice e a interrupção da dança quando pega uma faca e ameaça cortar o próprio pênis.

A construção cênica, desta parte é extremamente trabalhada. Tudo começa aos poucos e com a iluminação baixa; em todo o espetáculo está presente de forma grandiosa um cenário feito por abajures espalhados por todo o palco, ao redor de onde acontecem as ações cênicas. É lindo ver os abajures acendendo e apagando de forma ordenada e coreografada. Além de todos os abajures, a iluminação também é feita por refletores. Conforme a música vai aumentando, a dança segue acompanhando. No começo, todos estão se mexendo aleatoriamente, e de forma sutil, como se estivessem com vergonha um do outro, ou se tivessem acabado de ter se conhecido. Todo o ritmo e a coreografia vão aumentando devagar e com batidas rítmicas específicas. A música muda de ritmo aos poucos,

levando a uma lembrança de uma batida afrodescendente, por isso, a incorporação da Umbanda. No final desta cena uma luz verde quebra todo o clima, junto com a surpresa de todas as outras personagens. Enfim, a iluminação complementa todas as ações cênicas presentes na peça.

A personagem, a cliente, em determinado momento da peça come muitos aperitivos da festa e acaba vomitando em um chapeuzinho de aniversário. É notório o desejo que é explícito por ela por comer os salgadinhos da festa, como uma boa parte de público das festas infantis. O fato de vomitar nos lembra do arrependimento que temos ao comer tudo o que comeu, sendo que o vômito é provocado por ela mesma.

O cenário é uma sala de visita simples, com uma mesa quadrada no meio, cadeiras espalhadas e vários balões cheios de ar em todo o palco. Eles se espalham por todo o teatro. É deslumbrante o uso dos balões, além de serem coloridos, também ajudam a criar as situações cômicas da peça. Quando estouram, o público se assusta e as personagens também. Quando os balões estouraram, em nenhum momento cabia o barulho feito pelo estouro, contudo, os atores usavam o som e o encaixavam no ritmo peça.

A direção da peça merece crédito por trabalhar isso com os atores e saber colocar de forma inesperada a reação dos mesmos quando isso acontece. Embora, haja preparação e a predisposição dos atores para esse acontecimento: o de que qualquer balão poderia estourar durante a peça.

Durante o espetáculo sempre esperamos algo acontecer. Sempre pensamos que alguém chegará ou algo a mais irá acontecer. Mas não há clímax e nem desfecho, o que acontece é aquilo previsto pelo espectador. Mas é feito de forma diferente. Aquilo que sabemos que vai acontecer é exatamente o que não queremos que aconteça. Torcemos para sermos surpreendidos e, no final, acabamos tendo mesmo uma surpresa, pois o esperado, ou seja, o inesperado não acontece.

É um espetáculo diferente e enigmático, um aincógnita e a saímos mais confusos do que entramos. Assim como toda e qualquer situação do ser humano normal quando se encontra em momento de desconforto.

Gabriel Pazotto é aluno da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.



Fotos de Guto Muniz

O que celebrar “Nesta Data Querida”?

GABRIELA NEVES GUIMARÃES

No dia 04 de Maio de 2012, na sessão extra às 22h, contemplei a peça “Nesta Data Querida”, do grupo Luna Luneira de Belo Horizonte, que integrava a programação do Festival Ruina Circulares 4ª edição, realizado em Uberlândia - MG.

Ao entrar no Grupontapé, no espaço cênico havia uma típica decoração de festa infantil a espera dos convidados, com doces, chapéus de palhaços, balões, muitos balões, balões em uma quantidade exagerada, na verdade o cenário estava inundado por balões; outro objeto apresentado em uma quantidade no mínimo grande, eram os abajures, havia muitos deles em diferentes planos e tamanhos. A combinação de abajures e balões trouxe para o palco um perigo iminente e com ele um efeito de veracidade, a criação de um clima perigoso, mas convidativo, pois não distraia e nem afastava o olhar do espectador, um perigo típico de festa de criança: o barulho do estouro dos balões; mas esse perigo, por sua vez, também proporcionou uma reação nos personagens, o susto, recepção que começou a acontecer somente no meio da peça, quando os atores estavam mais aquecidos e a peça avançava para o clímax ou tensão do texto.

O texto cênico centrava-se em uma festa intrigante. Sem crianças. Sem aniversariante. Durante a festa as pessoas se conhecem e então comprovam a teoria de Freud que “de perto ninguém é normal”. Os personagens expõem suas fragilidades aos poucos, como quando Antonieta conta que todo ano ela prepara a festa de aniversário para o Rafinha, com salgadinhos, refrigerantes de sobra, brigadeiro, balões, e nunca um convidado apareceu; mas, naquele dia Erre, o cabeleireiro homossexual, e Rosa, cliente de Erre e amiga solteirona, tinham aparecido e ela, Antonieta, estava muito feliz.

A montagem aposta na tragicomédia e a executa com êxito, alternando o cômico e o dramático com um ritmo ágil, que foi sendo adquirido pelos atores no decorrer da peça. O público acompanha a trama e não

se perde nessas transições que o tragicômico implica. Os personagens são estereótipos, mas os atores deixam claro na atuação de que esse é o caminho escolhido; e a proposta é bem executada.

A peça é provida de uma iluminação colorida, um espaço cênico delimitado por objetos e por um linóleo branco, com uma cenografia dotada de exageros, estabelecendo sincronia com a proposta da peça. O cenário é recheado de significados e respostas às questões expostas pela trama, nele está embutida a loucura que vai se desenvolver através da história de vida desses personagens. Essa loucura é mostrada pelas contradições propositalmente que estão nesse cenário, como a imensa quantidade de balões e abajures e o ambiente intimista de festa de aniversário - para que esse ambiente fosse criado estavam em cena salgadinhos de verdade e balões que, inusitadamente, estouravam.

Esses elementos dão maior plasticidade à cena, o que parece ser característico do grupo, já que em outra montagem, “Cortijos”, apresentada por eles, dentro da programação do mesmo festival, esses componentes também são bastante fortes e explorados.

A peça “Nesta Data Querida” explora as relações humanas, com as quais o público se identifica. Os atores, ao longo da apresentação, souberam acessar esse ponto de identificação trazendo na atuação características para os personagens que todos nós, público, temos, mas não queremos expor socialmente, e quando vemos isso no palco rimos, mas rimos de nós mesmos.

“Nesta Data Querida” celebra as relações humanas, com as quais o público se identifica, as excentricidades de todos nós, em um ambiente cotidiano de lazer, com humor inteligente, leve e qualidade estética.

Gabriela Neves Guimarães é aluno do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Colaboradora.



O doce aroma da fábula

DAMONNYLLE CARNEIRO

O Espetáculo *As Atribuições de Virginia*, apresentado durante o festival de teatro Ruínas Circulares no Bloco 3M da UFU, conseguiu despertar no público sentimentos saudosistas, com memórias sobre a infância e o primeiro amor e transportar seus espectadores para um mundo de fantasias. O grupo utilizou de um espaço peculiar e pequeno em forma de arena, simbolizando o porão da casa de dois irmãos e uma irmã, atores que formam o grupo *Hnos Oligor*. O porão fictício construiu um ambiente aconchegante e intimista tornando mais verossímil a sensação de estarmos nesses esconderijos da infância, resgatando lembranças vividas quando ainda éramos crianças cheias de desejos.

O cheiro que permaneceu no ar tornou-se marcante para a plateia, uma junção de aroma de incenso de canela junto à borrifada de Patchuli, jorrada no momento em que Valentin se produz minuciosamente para o encontro com Virginia. Naquela borrifada de Patchuli, pudemos sentir a ansiedade de uma pessoa antes do encontro com a pessoa amada. Aquele aroma conseguiu seduzir Virginia e envolveu toda a plateia. O público foi criando uma relação íntima com o ator narrador que utilizou vários objetos em cena, entre eles as engenhocas mecânicas, fabricadas pelo grupo, que movimentavam os objetos cênicos.

O enredo apresentado sobre a fábula dos dois pequeninos bone-

cos foi simples, mas que na manipulação ganharam status de seres vivos, chamados de Virginia e Valentin. Os dois bonecos encantaram os espectadores com o sonho de ser bailarina e com o amor entre os personagens. A narração cênica e manipulação dos bonecos ficaram por conta de um único ator que se desdobrou em dar voz aos enamorados e materializar com seu corpo os protagonistas, recurso que nos transportou para mais perto do mundo dos dois apaixonados, além de nos levar a torcer por um final feliz na estória de amor e pela concretização do sonho de ser bailarina.

Como não voltar à infância através dos delicados engenhos mecânicos, pensados minuciosamente em cada detalhe, com movimentos tão perfeitos de bonecos que vão e voltam, luzes que piscam, ascendem e se apagam e um trenzinho que transporta Virginia para fora e para dentro do “nosso porão”.

Ao final do espetáculo presenciamos relatos de algumas pessoas da plateia sobre momentos fantásticos durante a infância e espectadores surpreendidos pela criatividade cênica do grupo resgatando memórias que, no presente momento, alguns não mais se lembravam.

Damonnylle Carneiro é aluna da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Tum-Tum...

LETÍCIA ALVARES FERREIRA

5 de maio de 2012. 18h... 18h10... 18h15... Com um pequeno atraso abrem-se as portas da Sala de Encenação do bloco 3M da UFU. A Cia Hnos Oliver, da Espanha, se prepara para apresentação de “*As Atribuições de Virginia*”. Dois primos cuidam desse espetáculo, apenas um fica em cena e é responsável por toda a narrativa da história, o outro lhe dá apoio técnico desde a organização da entrada do público no espaço cênico – que lembra um mini-circo com direito a arquibancada de madeira e picadeiro– quanto nas mudanças de som, luz e passagens de objetos/bonecos/brinquedos em cena.

Inicia-se o espetáculo.

A peça é um misto poético de Teatro de Formas Animadas com contação de Histórias que, com a proximidade criada pelo espaço plateia-ator, recria-se uma relação íntima, profunda, e, ousado dizer, confidencial entre essas duas partes. E assim o público se sente, anestesiado, encantado e engolido pelos grandes olhos do ator que não deixava que ninguém fugisse dali.

Quase uma obra plástica, os pequenos bonecos de pa-

pel transitam no espaço em monociclos pendurados em cordas, trens que passam por baixo da arquibancada do público, elefantes de brinquedo, barquinhos, entre outras maquinarias criadas pela Cia, e cada minuto de espetáculo é uma surpresa dada ao público.

O cenário construído artesanalmente pela família Oliver dentro do porão da própria casa, com muita sucata e uma porção de sensibilidade, nos transporta como para dentro do próprio local da sua criação, um universo ínfimo, de delicadezas e mini-máquinas, o interior de uma caixa de música com bailarinas, rodas, beijos, brinquedos, cordas, papelão, roldanas, estrelas cadentes, traquinagens, mortes catastróficas, olho no olho, luzinhas de pisca-pisca e fita crepe.

E um coração que saltita...

Tum-tum. Tum-tum.

Letícia Alvares Ferreira é aluna da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Fotos da organização



A Saga

MARIANA MONTEZEL

Praça. Fim de tarde. Pôr do Sol. Um leve vento. Pessoas espalhadas pelo espaço... começa-se a ouvir sons... bumbo, cavaquinho, chocalho e a melodia construída por um trompete. Uma fileira de pessoas mascaradas, tocando instrumentos musicais e caminhando lentamente aparecem em um canto... arrepios! Assim inicia-se o cortejo d'*A Saga no Sertão da Farinha Podre*, o mais recente espetáculo do Coletivo Teatro da Margem — cuja direção vem de Narciso Telles.

O Coletivo, que realiza o seu primeiro espetáculo de rua, traz mais uma vez uma característica marcante em seus trabalhos: a construção de texto através da sincronia de imagens, processo também observado em “Canoeiros da Alma” (2008) e “Elas Num Tempo Irrompido” (2009). Os três espetáculos apresentam imagens, a partir de pesquisas realizadas pelo grupo, que constroem o espaço cênico. No caso da *Saga*, as muitas imagens apontam para variados textos, para além daqueles que são pronunciados que, muitas vezes, pelo amplo vácuo do espaço, são perdidos ao vento.



Foto de Natalya Pinheiro

O espetáculo, levantado a partir de cenas que tiveram inspiração na história de Uberlândia, traz personagens tipos e narrativas que aconteceram e acontecem na cidade. Porém, a partir da construção escolhida pelo grupo, a peça consegue dialogar com a vida de outras cidades, pois aborda um tema mais geral: a territorialização e a desterritorialização do homem por diversos lugares. As personagens representam tipos que podemos encontrar em toda parte: a cortadora de cana, a mulher que apanha do marido, a negra, os artistas de rua... Personalidades que podemos ver através dos acessórios colocados por cima do figurino, como na cena do “João Relojoeiro” e nos textos ditos, como na cena de “Antígona”.

Seja o espectador adulto, criança, adolescente ou idoso, em algum momento ele se identifica e se integra ao contexto da peça, interagindo e acompanhando o grupo, como podemos observar na cena do “Desfile” em que algumas pessoas são convidadas para atravessar

a passarela construída por parte do público, e este passa a ser mais específico: aquele que vê a variedade de identidades circulando na rua. A identificação do espectador com a *Saga* acontece principalmente por se tratar de um espetáculo de rua, mas também por ser uma peça que conta a história de muitas pessoas que o assistem. Quem nunca foi ou viu alguém sendo julgado culpado injustamente? Quem nunca sofreu algum tipo de preconceito?

Desse modo o Coletivo Teatro da Margem consegue construir um espetáculo bonito e ao mesmo tempo crítico, que coloca a questão do preconceito, seja ele de qualquer tipo, em evidência, tirando o espectador do seu lugar de conforto e despertando reflexões e questionamentos. Quem são os cidadãos de uma cidade? Em que ponto acaba a minha liberdade e começa a do outro?

E de repente em certo momento... BUM! Cada um para um lado e pronto. “É isso mesmo?”. “Eles não vão receber os aplausos?”. “Acabou?”... e permanecem no fim de tarde da praça a cortadora de cana, a mulher que apanha do marido, a negra, os artistas de rua, o público... todos convivendo no mesmo espaço.

Mariana Montezel é aluna da disciplina Crítica Teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Foto de Natalya Pinheiro

Nossa Saga

FELIPE CASATI

“Ai meu deus! Que porre!” gritava a minha cabeça sem deixar transparecer no rosto quando o Coletivo Teatro da Margem deu início ao espetáculo. O modo como encenavam Antígona, gritando pela injustiça de não poder enterrar seu irmão em solo pátrio, não podia ser mais antigo (*na*) e divergia do esperado pelo público; e quando meus pés já estavam se direcionando ao ponto de ônibus surge Ela, linda, a estrela do espetáculo: Platona.

A praça havia se transformado quando todas as cabeças viraram, de súbito e espantosas, ao mesmo tempo, em direção à diva do mal. Pronto, foi dada a quebra inicial, a quebra com o formal, tratamento de choque, agora era se deleitar com um espetáculo lindo, reflexivo e sensorial.

A gente, público, tem que andar, girar, mirar, muitas vezes escolher o que olhar, já que ouvir não se consegue muito, é preciso encarar o espetáculo como um texto imagético e é aí que, quem consegue tal feito, pede bis à confusão, já que essa saga mostra sua crítica em um furacão que passa rápido, mas deixa seus vestígios revirados e marcados com farinha, fogo, bonecos e burburinhos; vestígios esses que são completamente poetizados em seus figurinos e adereços.

Uma coletânea de figuras excêntricas, daquelas que se encontra em qualquer cidade, o travesti, a noiva, o noivo, o louco, a pedinte, o santo, a negra, a escó-

ria, em combate com a primeira dama, a dona, o poder, o governo, o dinheiro. Além de observar tudo isso, você faz parte, é o corredor para o desfile da alta sociedade, é a multidão de todos os dias das cidades em desenvolvimento, e se vê muitas vezes no lugar da vítima, do pobre, do excluído; porém se surpreende ao se encaixar também no grupo dos preconceituosos, dos que apontam, dos que humilham e não se sentem humilhados. Ninguém te pede para escolher um lado, mas são mostrados os muitos lados e você pode se sentir em casa.

Eu ali não era só um “Uberlandino”, como chamam os de fora de Uberlândia, eu era qualquer um que ao caminhar percebe que, notado ou não, interfere ou faz girar essa máquina de relações de poder.

Para nunca deixar de ver um espetáculo cheio de repentes que te fazem querer agarrar as histórias jogadas ao vento, tal qual farinha podre.



Foto de Luana Magrela

Um espetáculo cheio de imagens que te fazem querer lutar e, ao mesmo tempo, se calar.

Um espetáculo cheio de personagens que te fazem querer ser uma puta.

E os meus pés, ao fim do acontecido, já cheios de farinha podre, tinham andado por toda a praça e só então se dirigido ao ponto de ônibus.

Informação (des) necessária: Para escrever esta “crítica”, o Espetáculo A Saga no Sertão da Farinha Podre do Coletivo Teatro da Margem de Uberlândia-MG foi visto três vezes e meia pelo autor, entre 2011 e 2012.

Felipe Casati é aluno de crítica teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

As bruxas estão soltas!...

ANDRÉ LUZ

Como se não bastasse a atmosfera afro-cultural já bastante enraizada nos muros do espaço cultural Graça do Axé, localizado no bairro residencial Roosevelt na zona norte de Uberlândia, o prólogo da peça *As Bruxas* do jovem grupo Mandriões de Teatro é, ao mesmo tempo, um aquecimento e também um grande ritual que muito me lembra os centros de candomblé. É contagiante a batida da música que, combinada com a alegria pulsante da dança de alguns atores, evidencia a proposta de trazer ao público uma cena que seria oculta e pertencente apenas ao discurso da peça original, chamada *As Bruxas de Salém* de Arthur Miller.

A remontagem do texto – feita pelo mesmo grupo – tem novo nome e novos atores, mas mantém uma característica teatral acadêmica marcada pela integração de jovens atores formados ou, como no caso, outros que também ainda cursam diferentes períodos do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Para a substituição, os novos atores contaram com um curto espaço de tempo para se integrarem aos veteranos que já tinham um bom domínio da peça. O texto, adaptado por Luiz Leite, ainda conta com as atuações da própria diretora Yaska Antunes como *Elizabeth Proctor*, e também da menina Flora Rosa como Bettis *Parris* em seu primeiro espetáculo teatral, parceria arriscada por ser destoante, mas que se tornou positiva, uma vez que proporcionou um contra peso na cena e equilibrou o todo.

A encenação é basicamente realista, mas percebe-se ousadia quando surgem elementos melodramáticos, *brechtianos* e até cômicos, criando uma cena rica em nuan-

ces teatrais. Dois planos de cena são criados permitindo que todos os atores estejam no campo de visão do espectador; inclusive aqueles que se desligam da cena em vigência ou não mantêm uma postura corporal ideal para esse tipo de proposta cênica. O texto é extenso, o que faz com que a duração do espetáculo seja naturalmente longa e exija dos atores um bom fôlego e ritmo cênico que ainda estão sendo definidos em algumas cenas.

São fatores técnicos e de cunho artesanal que podem ser facilmente retrabalhados durante os vários finais de semana da temporada, o que proporciona a percepção para os atores que cada apresentação seja única e por isso essencial para o processo de um espetáculo que assume ainda não estar totalmente fechado. Afinal, diferentemente de um quadro de pintura, o teatro é uma arte que nunca fica pronta, pois precisa de tempo para amadurecer e se aprimorar e, por isso, a rara experiência de se ficar em cartaz é essencial para novos atores que podem a cada apresentação, perceber erros e fazer melhorias em prol do espetáculo que ousa em seguir caminhos além dos muros da faculdade.

Obstáculos como a troca massiva de elenco, a falta de estrutura técnica do espaço usado para as apresentações, impossibilitando a utilização original do cenário de Emiliano Freitas e da iluminação de Camila Tiago, ou até mesmo a falta de público devido a sua localização diferenciada, servem como desafios ao grupo. Os novos atores tiram de letra, se esforçam e se apropriam admiravelmente da estrutura física e até do espaço externo do Graça do Axé e fazem, apesar de tudo, um bom trabalho.

Após o final do espetáculo é aberto um pequeno debate com o público proposto pela diretora, o que é bastante válido, pois além de mostrar que o grupo quer um retorno dos espectadores buscando a compreensão integral de público, seja ele qual for, ainda se abre a opiniões e sugestões. *As Bruxas* dão uma lição de força de vontade e foco no trabalho, provando que é possível se soltar dos carinhosos braços da mãe universidade e fazer teatro de qualidade, seja onde for, ao contrário de muitos, também potenciais trabalhos de mesma origem, que morrem em uma ou duas simples apresentações de final de semestre.

Vale a pena conferir *As Bruxas* que se encontram num momento de alçar voo em forma de retribuição artística a uma população que dificilmente frequenta as semanas de abertura e fechamento do curso de Teatro da UFU. A universidade dá a vassoura e o chapéu, mas quem faz o voo da bruxa são atores ambiciosos e desses o espetáculo é farto!

André Luz é aluno de crítica teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Foto de Fabrício Oppes



Foto de Gustavo Malacoe

Cerrado — entre Artes e Críticas

ANDRÉ LUZ

Numa parceria com o IAMAR (Instituto Alair Martins) o grupo Faz de Conta de Uberlândia-MG promoveu uma temporada ambulante por algumas praças da cidade com seu mais novo espetáculo de rua “Cerrado – Entre Cascas e Raízes”. O espetáculo se autodenomina como uma criação coletiva porque é escrito, produzido, realizado e encenado pelo próprio grupo, mas ainda assim conta com a direção de Marcelo Ribas.

Uma inovação para o grupo tradicionalmente conhecido por sua técnica de manipulação de bonecos, pois além desta, experimenta várias outras técnicas artísticas que juntas compõem uma rica e ousada proposta cênica que mistura tecnologia, palhaço e instalação visual. Também há uma ousadia racional, pois discute um bioma e tudo que a ele se relaciona como cultura, fauna, flora e sua problemática tal como a degradação do meio ambiente e a importante necessidade de preservação.

O espetáculo ganha pela proposta e por ser realizado na rua, conquista um público misto constituído de pessoas do meio teatral assim como as leigas no assunto que pouco ou quase nunca o frequentam. O que favorece saciar a sede de crítica, já que o discurso politicamente correto chega direto ao espectador que talvez apenas passasse por ali perto e se viu atentado por uma manifestação de arte. Porém, pode cair num perigoso didatismo que, ao invés de complementar atravessa a cena e cansa o público que está ali para ver o teatro acontecer.

O ponto forte do espetáculo é também o ponto forte do grupo, a manipulação de bonecos, desta vez equipada com gigantes e complexas alegorias de animais naturais do cerrado – como uma graciosa ema – que enchem os olhos de quem assiste e encanta e atrai pelas monumentais obras de arte. É interessante perceber que o grupo sempre busca um aprimoramento da técnica e nesse caso, se dispõe ao desafio de transportar a arte da manipulação para a linguagem do teatro de rua, e dá certo.

E quando achamos que o público já foi surpreendido pelo ouro do grupo, uma estrutura se constrói diante dos olhos de todos e forma uma incrível instalação viva que critica claramente a alienação que os meios de comunicação exercem sobre a massa brasileira. É o tipo de coisa cada vez mais rara num parâmetro geral do teatro: a surpresa. Há tempos não me perguntava como haviam elaborado tal engenhoca e como funcionava.

Assemelhando-se a um moderno carrossel movido por atores, mas que no lugar de cavaleiros tinha consumidores, cada um representante de sua classe, e no topo uma espécie de estátua da liberdade viva (referindo-se aos Estados Unidos da América) que tinha um capacete em forma de televisão e em suas mãos um chicote com o qual domava os seus súditos logo abaixo, criando a sensação de um ciclo vicioso. Uma sutil forma de “dar um tapa na cara da sociedade” e o principal: é de fácil sinopse sem quebrar o andamento do espetáculo com inserções de cunho muito mais político em detrimento de uma linguagem que é artística e que fala por si só.

Ao final, uma grande prova de libertação e de confiança com o público: os atores tiram seus figurinos-base e se mostram seminus em plena praça pública diante de pessoas que testemunharam um apelo para a natureza local. Entre tantas nuances artísticas, acredito que o grupo conseguiu alcançar seu objetivo: passar uma mensagem de advertência a quem é uberlandense e também a quem é “uberlandino” (termo criado pelo jornalista Luiz Fernando Quirino em 1972 e utilizado pra denominar as pessoas que não nasceram em Uberlândia e se encontram radicados nessa cidade) pois ambos desfrutaram das riquezas naturais de uma cidade que está no meio do cerrado brasileiro.

André Luz é aluno de crítica teatral do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.



Foto de Marcos Nogueira

Murmúrios Sobre O Murmúrio do Rio

MARIA CLÁUDIA S. LOPES

Começo tateando a memória, pois me arrisco a escrever um texto sobre um trabalho que assisti a.g. (antes da greve), e que, com todas as atribuições e desencontros do momento, foi ficando cada vez mais distante. Confesso ser um tanto quanto desafiador escrever sobre um trabalho feito pelos meus professores: Vilma Leite, Mário Piragibe, Ana Carolina Paiva — pessoas que respeito, admiro e tenho entre algumas de minhas referências na profissão - por isso talvez minhas impressões pareçam também “murmúrios”. Leituras que tentam ser formuladas, oriundas de regiões líquidas, na busca do nome para sensações e impressões, margeada pelas referências que possuo. Leituras são mesmo como murmúrios de diferentes leitões que, se unidas em coro polifônico, nos darão talvez uma perspectiva muito mais ampla daquilo que foi lido — visões, vozes. Dou-me então à tarefa, pelo desafio. Ousarei, assim como a personagem da fábula japonesa que alicerça a dramaturgia cênica do espetáculo, fazer a travessia — falando de *Sobre Os Murmúrios do Rio*, para (os antes poucos e bons, agora só bons) leitores de nosso jornal de Crítica, cujo número vem crescendo nos últimos tempos.

Fui fisgada pelo anzol dos atores do espetáculo *Sobre os Murmúrios do Rio* apresentado no Palco de Arte da Uai Q Dança, no dia 12 de Maio de 2012, em Uberlândia. Na entrada, os atores jogam o jogo de encenar o “real”, chegam para um ensaio aberto representando a si próprios — mencionam o atraso, fazem a preparação do espaço, falam ao celular, e tratam-se pelo nome. Gosto da brincadeira que trazem de ficcionalizar o real, nem a realidade nem a representação. Assim, brincam de fazer de conta que não estão fazendo de conta; brincam de ser quem são, sendo os mesmos e outros. Simulando a situação de um ensaio aberto, instauram e brincam também com a metalinguística, e criam o teatro no teatro, o que se intensifica quando trazem para cena os bonecos que reencenam a mesma história, repetindo-a com outras escolhas estéticas, ritmos, e elementos técnicos, o que me pareceu genial.

O trabalho traz muitas surpresas que vão emergindo do “fundo do rio” — a música, as máscaras, os jogos com sombras, embora algumas delas precisem ainda de um apuro técnico — constatação inicial que os atores

reforçam, no início, reiterando que aquela ainda não seria a estreia propriamente dita. Mesmo considerando o trabalho em processo, destaco detalhes, como o do elástico da máscara que no momento da projeção da sombra que veio, por descuido, para frente, comprometendo a projeção do desenho na parede; e a boneca de pano, grande e bonita, mas pouco aproveitada para que sua presença se justificasse.

Mesmo com esses detalhes, há tempos não me divertia assim, assistindo a um trabalho bem humorado, simples, inteligente e com uma honestidade sobre os problemas do processo. Talvez, uma das fragilidades tenha sido justamente consequência da escolha em trabalhar com o mencionado jogo, de revelar a encenação. Ideia boa, mas arriscada, posto que faltou certo cuidado na medida, já que em certos momentos teria sido importante criar de fato a atmosfera dramática antes de quebrá-la. Importante abandonar o humor, em alguns momentos, para nutri-lo, e sustentar a dramaticidade sugerida pela fábula, pelo tema tratado, abandonando os trejeitos e articulação um pouco exagerados para que as quebras e o universo lúdico ganhassem força; instaurar o contrário, dar espaço à atmosfera dramática da personagem, uma vez que a ludicidade não faltava, inclusive com a presença de mamulengo, máscaras e músicas.

Enfim, são os riscos que corremos — especialmente em trabalhos que estão em processo de desabrolhar — quando optamos por escolhas menos convencionais para se contar uma história. No mais, resalto a criatividade e simplicidade nos figurinos e cenário, concepção e direção inteligentes, e feliz escolha da fábula. Não em mesclagem com a estética latino-americana. Trata-se de um trabalho em que, mesmo munidos de pena e papel mentais para elaboração de textos críticos, não conseguimos nos privar, diante da criatividade e ludicidade, de sermos, cada um, só mais uma pessoa, divertindo-se e se deixando tocar pelas imagens trazidas ao teatro. Vá e confira!

Maria Cláudia S. Lopes é aluna do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Colaboradora do jornal.

Recorte do Brasil

DAMONNYLLE CARNEIRO

Maria, João, Ana e José são os nomes mais populares no Brasil e todo brasileiro já se deparou com pessoas cujos nomes sejam algum desses. E foi assim que pude presenciar no espetáculo *O Botequim* apresentado no Teatro de Bolso de Uberlândia. Os atores representaram personagens populares com seu jeito de ser e falar bem peculiares e contaram histórias nas quais pudemos identificar alguns conhecidos. Os personagens eram tipificados propositadamente, uma vez que o foco do trabalho era o exercício de corpo e voz no processo de representação dos atores.

O Espetáculo,

seu “fogo” atrás de vários nomes de santo citados por ela e se embriagando com o “sangue de cristo” tudo em nome da moral.

Nesse contexto, um garçom e um músico traziam curvaturas em seus corpos e apontavam para o peso das lamentações e lamúrias que chegavam a seus ouvidos. Personagens fictícios e tão reais que muitas vezes merecem ir para o céu com direito a levar seis amigos por agüentarem pessoas chatas e inconvenientes.

Todos os atores conseguiram recriar esse retrato de botecos espalhados pelos cantos do Brasil. O espetáculo, do



Foto de Marli Magalhães

fruto do Grupo de Pesquisa Práticas Poéticas Vocaís, coordenado pelo professor Fernando Aleixo,

conseguiu homogeneidade na interpretação dos atores que se apresentaram preparados corporeamente e vocalmente. Corpo e voz proporcionaram a identificação aos personagens que representam alguém que já conhecemos em algum canto desse país. Mesmo que caricatos na peça, alguém já deve ter se esbarrado ou pelo menos presenciado algum comentário sobre alguma dançarina frustrada que sonha em ser atriz, se aborrecido com alguma “Dona Jurema” pouco cordial e dona de algum bar, dando conselhos ou apenas escutando as queixas de uma mulher traída. Já deve ter observado uma mulher vulgar vinda do exterior ou daqui mesmo, cujo trabalho era ganhar dinheiro “fácil” de homens ricos. Talvez alguém já tenha julgado ou se surpreendido com uma falsa religiosa que esconde o

início ao fim, é movido por melodias de ritmos brasileiros, em alguns momentos se tem o solo de algum ator, em outros o grupo se transforma em um lindo coral de canções populares embaladas pela fala dos personagens. A representação bem sucedida dos atores, com suas vozes empostadas e visivelmente trabalhadas, tornaram os personagens ainda mais cômicos.

A visita ao *O Botequim* é de apenas 01 hora de duração e nos fez parecer 20 minutos, terminou com gosto de “quero mais andar nesses lugares”. Quem sabe virar um freguês.

Damonnylle Carneiro é aluna da disciplina Crítica Teatral do Curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

A cidade e o Teatro: Tá na Rua movimenta Uberlândia

LAÍS BATISTA

Uberlândia, 30 de Abril de 2012. Nesta data teve início a 4ª Edição do Ruínas Circulares - Festival Latino Americano de Teatro que, esse ano, trouxe como tema “O Teatro e a Rua”, como reconhecimento da importância da natureza cênica dessa arte milenar, assim como, em homenagem às personalidades do teatro brasileiro: a atriz Ana Carneiro, o diretor e ator Amir Haddad e o grupo Tá Na Rua.

Nada mais pertinente do que abrir o evento com a protagonização do grupo Tá Na Rua e de Amir Haddad que chegaram em Uberlândia para movimentar a cidade. Na tarde de abertura do evento o céu já trazia os presságios de que o tempo iria mudar e novos climas iriam se instaurar naquela semana em nossa cidade. A temperatura caiu bruscamente, o tempo fechou, mas nada que colocasse em risco o movimento que estava para acontecer.

Amir Haddad após homenagear Ana Carneiro, professora do Curso de Teatro da UFU, e ser homenageado pela Organização do Festival na cerimônia de abertura, proferiu a palestra “Políticas Públicas para Artes Públicas” na qual apresentou a relação dialógica entre cidade e teatro. Para Amir, teatro e cidade não se separam e ambos tem o sentido de encontro.

Complementando sua fala, a *Arte Pública* coletiva está ligada não ao privado, mas aos espaços públicos, abertos, onde se deve compartilhar, com generosidade aquilo que se tem. Seja ator, cantor, bailarino, Amir reforçou a necessidade de doar (de si) aquilo que se tem de melhor e, caso assim sigamos, o homem chegará ao que podemos chamar de humanização. Se a lógica da sobrevivência está num sentido individual de salvação, em contraposição, a *Arte Pública* propõe a retomada do contato entre as pessoas para que se resgate o sentido de coletivo.

Na recuperação desse sentido é necessário voltar à ancestralidade para redescobrir o presente e desenvolver o futuro. A *rua* representa essa ancestralidade da qual Haddad fala e por isso é o espaço de trabalho do grupo. Neste sentido o TÁ NA RUA tomou a Ave-

nida Floriano Peixoto na tarde do dia 01 de Maio – dia do trabalho – para contribuir com o alargamento do espaço público em Uberlândia. Um cortejo, composto pelo grupo e por artistas locais, saiu da Praça Tubal Vilela em direção à Praça Clarimundo Carneiro, no centro de Uberlândia. Os artistas com emoção, fantasias e figurinos, coloriram parte do centro e buscavam o despertar dessa cidade por vezes fria demais, mesmo que em tempos de altas temperaturas, literalmente quentes.

O cortejo sem dúvida foi um momento emocionante. Parar uma rua central de Uberlândia para brincar, cantar, chamar a atenção das pessoas que estavam no Mc Donald’s, desfilar com uma carroça, e fazer com que alguns moradores saíssem à rua ou às janelas de seus apartamentos, foi sem dúvida, um movimento inusitado, ou pelo menos, diferente para a rua do centro da cidade. Ainda mais quando boa parte da população se encontrava no Camaru para viver um entretenimento do 1º. de maio. O cortejo, embora pequeno em relação ao tamanho do evento no Camaru, é grande, forte, pois que trata de se contrapor com a ordem da cidade. Foi um desfile da simplicidade, da *bobagem alegre* que poucos se arriscaram a experimentar, ou reviver momentos de extravagância visual, corporal, musical que só a rua guarda a chave dos segredos e ressonâncias de manifestações coletivas.

Essa festa culminou na apresentação do espetáculo “A revolta de São Jorge contra os invasores da lua” também em um lugar muito significativo de Uberlândia: a praça da antiga prefeitura, num ponto histórico e político da cidade, origem e alargamento da cidade *progresso*. Lugar propício para a apresentação artística, pelos sentidos de ressignificação e confrontação com a realidade cultural da cidade.

Foto de Simone Guaratto



Tá na Lua

DIEGO LAGE

O teatro de rua, no meu imaginário estudantil, era uma arte feita por atores virtuosos. Essas figuras admiráveis podiam dilatar seus corpos e amplificar suas vozes para serem vistos e ouvidos por todos os lados, e por cima, e por baixo, e até por trás da roda. Politizados e emancipados, os atores me remetiam ao universo *cult* da intelectualidade com um ar de *alternativo*. Mas não eram ensimesmados. Ao contrário, conseguiam se comunicar plenamente, com o passante, o pedinte, o cachorro, o “cachaça”.

Com essa expectativa, fui assistir ao *Tá na Rua*, que marca a história do teatro de rua brasileiro. No último-primeiro de maio, assisti ao espetáculo *São Jorge e os Invasores da Lua*, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia em uma apresentação oferecida pelo IV Festival de Teatro Latino Americano Ruínas Circulares.

A festa começou com a participação aleatória do público, que ora se misturava aos artistas, ora esperava o cortejo acabar no quadrado. Porque a roda era um imenso quadrado. E o cortejo não acabava. Os figurinos eram esparramados ali no chão mesmo, e o aparelho de som disparava uma música atrás da outra, e alguns pelevavam para armar o artefato cênico multiuso, e outra música, e mais uma, e muitos cantavam, e iam dançar, e voltavam para o quadrado, porque Baco é isso, é interação, é integração, e voltavam a cantar, a pular, outros armavam o artefato, outros esperavam acabar o cortejo, e já não cantam mais, mas ainda dançam, e não há atraso, há improviso, riso, alegria, e o respeitável público ansioso, e já não dançam mais, mas ainda pulam, e armam o artefato, e desfilam, e lá se foi uma hora nessa brincadeira.

E de uma cadeira, porque o grupo não usa palco, o mestre de cerimônia, porque o grupo sim, podemos dizer, tem um mestre de cerimônia que, sentado em seu merecido trono, fala ao microfone, com maestria, rege a festa, canta, conta, comanda, comenta, comunica, costura, conversa, confessa, corrige, comemora, comissiona.

Porém, a frieza da cidade refletia-se nos espectadores que ali se reuniam e que não estavam acostumados com o calor do Tá Na Rua. Foi preciso que o grupo fizesse uma grande roda e movimentasse os espectadores, que então passaram a ser coo-participantes na festa que ali se propunha. Na grande roda formada pelo TÁ NA RUA e pelo público *compartilhou-se* o calor, olhares, sorrisos, afetos, brincadeiras; memória, história, política e cultura; sonhos nos olhares vazios, sempre a procura de entender ou viver aquele acontecimento que se constituía em benefício cultural para a coletividade.

Impossível uma cidade resistir aos encantos da arte, de sua simplicidade e de seu contato com as ruas. Aos poucos vamos vendo os sinais de mudanças que anunciam tempos melhores para a classe artística e para sociedade como um todo.

Uma palavra resume a participação do TÁ NA RUA nesse festival: *Movimento*. Movimento é a palavra que define o teatro desse grupo carioca e a visão de arte pública segundo Haddad; representa as possibilidades de alargar nossa tenda sobre o conservadorismo que carregam grandes e pequenas cidades e de unir o teatro e cidadãos.



Foto de Simone Guaratto

No centro, os atores se movimentam, desenham, esboçam, andam, correm, saltam, trocam de roupa, sobem no coreto, ascendem fogos, mostram os peitos, carregam o artefato, desfilam, dançam, deitam, rolam, fingem-se de mortos, e não dizem palavra.

Eu não imaginava que teatro de rua podia ser assim, uma encenação muda, coreografada, tipo um abre alas de carnaval. Só que sem o carro, porque o grupo, definitivamente, não usa palco.

Quanto à narrativa, alguns boiaram, discretamente. Dúvidas e murmúrios intrigavam o público que me beirava: “Por que tem um ator com máscara de cachorro!?”, “Aquilo é um guarda real inglês?”, “Quem foi essa primeira dama mesmo?”, “Por que tem dois São Jorge?”. Enfim, alguns saíram à francesa. E, ainda na atmosfera carnavalesca, outros apenas aguardavam, discretamente, a próxima Nua, digo, a próxima Lua.

Assim, deu-se a materialização do que o mestre de cerimônias chamou de “Arte Pública, de todos e para todos, porque o melhor de cada um não pode ser vendido, deve ser doado”.

Diego Lage é aluno do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Colaborador.

E por último, se vocês pensam que eles foram embora...

Voceis pensam que nós fumos embora
Nóis enganemos voceis
Fingimos que fumos e vortemos
Ói nós aqui traveis
Nóis tava indo
Tava quase lá
E arresorvemo
Vortemos prá cá
E agora, nós vai ficar fregueis
Ói nós aqui traveis
(Adoniran Barbosa)

Preparem-se. Em breve teremos mais TÁ NA RUA em Uberlândia. Que eles possam mesmo “ficar fregueis”.

Laís Batista é estudante de Graduação do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisa o teatro de rua e o grupo TÁ NA RUA desde 2010.

1º de maio com cara de 07 de setembro: cavalo, cavaleiros e cocô à vista!

MARIA MARQUES



Nos dois dias de passagens do *Tá na Rua*, grupo teatral da cidade do Rio de Janeiro, na IV Mostra do Festival Internacional de Teatro – Ruínas Circulares – a academia de teatro, em especial, formada por poucos alunos e professores presentes naquele momento de alegria, sentiram as vísceras de um teatro vivo, pulsante e ambulante *balançando* as paredes do Anfiteatro 3 Q da Universidade Federal de Uberlândia, quando a solenidade de abertura abria alas para homenagear a professora Ana Carneiro. Ana é uma das fundadoras do grupo e, agora, nossa professora de teatro popular à beira de, oxalá!, voltar para os palcos das ruas. Refiro-me a sua iminente aposentadoria que, embora justa e aguardada, certamente não deixará calar algumas vozes e processos de criação e condução coletiva do Curso de Teatro da UFU. Enfim, o ciclo da vida é como o da rua: o de passagem, de impressões, de sustos e construção, desconstrução e, de novo, novas reconstruções de espaços.

A homenageada faz jus ao espaço que construiu na Ufu e nas práticas de alguns professores do curso assim como em seu grupo, posto que seja de seu coração e vivência as ruas cidadelas. E como cidadã do mundo, a homenageada abriu passagem para um grupo igualmente rueiro que adentrou no centro de Uberlândia, circulando pelas ruas principais e pequenas da cidade, efetivou um cortejo teatral, cortejando transeuntes, alguns ainda de pijamas, senhoras idosas com suas camisolas e sapatilhas próprias para um dia que se anunciava como frio. Queriam, ainda saídas da sesta, assistir, ou ver, a banda passar. Esses não foram capturados pelo evento que acontecia no Camaru, referente ao dia do trabalhador, primeiro de maio. Daquele espaço, fechado diga-se de passagem, há a agregação de grandes eventos, o famigerado “quadrado” a que o filósofo Michel Foucault se refere quando apresenta e analisa a formação e segregação do espaço público. Nas ruas de Uberlândia, perto da Bicota, sorveteria da cidade, nossos espectadores, agora sem pijamas, assistiram ao cortejo, com direito a cocô do cavalo que, altivamente, levava em sua canga um dos mais respeitados diretores de teatro de Rua do Brasil: Amir Haddad.

No Camaru, lotação completa e cervejas circulando; no cortejo, o mais ou menos de sempre. Mas nesse mais ou menos, e como dizia meu pai, “o filósofo”: – melhor 20 % de alguma coisa, do que 100% do nada, víamos do centro da rua, posto que estávamos na rua, o comandante bufão, que da sua carroça, puxava e dava o tom do cortejo. Ali, entre todos e com todos, iniciava-se um aquecimento, sem separação entre atores cariocas, atores uberlandenses, alunos do Curso, filhos de alunos, amigos, com suas tias e tios, os professores do Curso, com exa-

tidão, duas professoras e a coordenadora do evento.

Ali, ao ritmo dos trotes do cavalo que levava aquele cavaleiro andante – Amir Haddad –, os espectadores, os de pijama de frio principalmente, às 16:00 horas, assistiam, no início com admiração comedida, ao cortejo. Riam um pouco envergonhados, batiam palmas com aquelas mãos marcadas pelo tempo, mas cujo tempo os faziam se reconhecerem naquela festa. Eles reconheciam a festa da rua, os pulos e a descontração acalantados pelo trote, ora dos tambores, ora do cavalo que, como já dito, levava um cavalheiro do teatro brasileiro.

E a peça nem tinha começado..., momento que aconteceria pelos menos duas horas e meia depois na Praça Clarimundo Carneiro, e lá se iam embora todo o comedimento e pressa. Alias, para os poucos que assistiram àquela solenidade, era como já tivessem se preparado para uma festa sem hora para terminar.

Lá, na Praça, não foi diferente, o distinto cavaleiro não teve a menor pressa de começar sua viagem, quer dizer, a peça que seria (e foi) apresentada. Sentado em um banco, como um condutor de quadrilha, ele apresentou seus atores, um a um, descrevendo com seriedade suas imperfeições sociais e corporais para, em seguida, enaltecê-las. Estes brincavam e abriam espaço para que dançassemos. Aproveitando o embalo, um dos alunos pegou uma das professoras, espectadora naquele instante, pelo braço e, de repente, via-se a docente, balançando suas pernas e, em consonância com os atores, sua pança com o grupo. A prévia do espetáculo passava pela desconstrução corporal não somente dos atores do grupo, mas dos do Curso de Teatro local, transeuntes e professores que exibiam suas indecências, como permitia o espaço em que se dava a festa. A praça é pública...

A festa estava pronta para começar e, nesse pique, recebemos São Jorge e seus dragões, materializados nas metáforas do texto *A revolta de São Jorge contra os invasores da lua*, já destronada pelo cheiro de vezes do impávido e insensível equino que conduzia o cavaleiro destronador Amir Haddad. E eu me perguntava: como é possível no espaço público como esse, já chancelados pela festiva procissão, seu assunto? Mas, que assunto? O teatro já acontecia e havia se enfronhado nas vísceras do espectador.

Eis a rua. E a festa teatral salteando nas vicinais, atrapalhando o ciclo viciado da rua. E a gente voltando para casa, alegres, se sentindo “meio” artistas.

Maria do Socorro Calixto Marques é professora do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, conduziu os cursos de Crítica Teatral e Dramaturgia, nos quais integrou o grupo dos aprendizes.